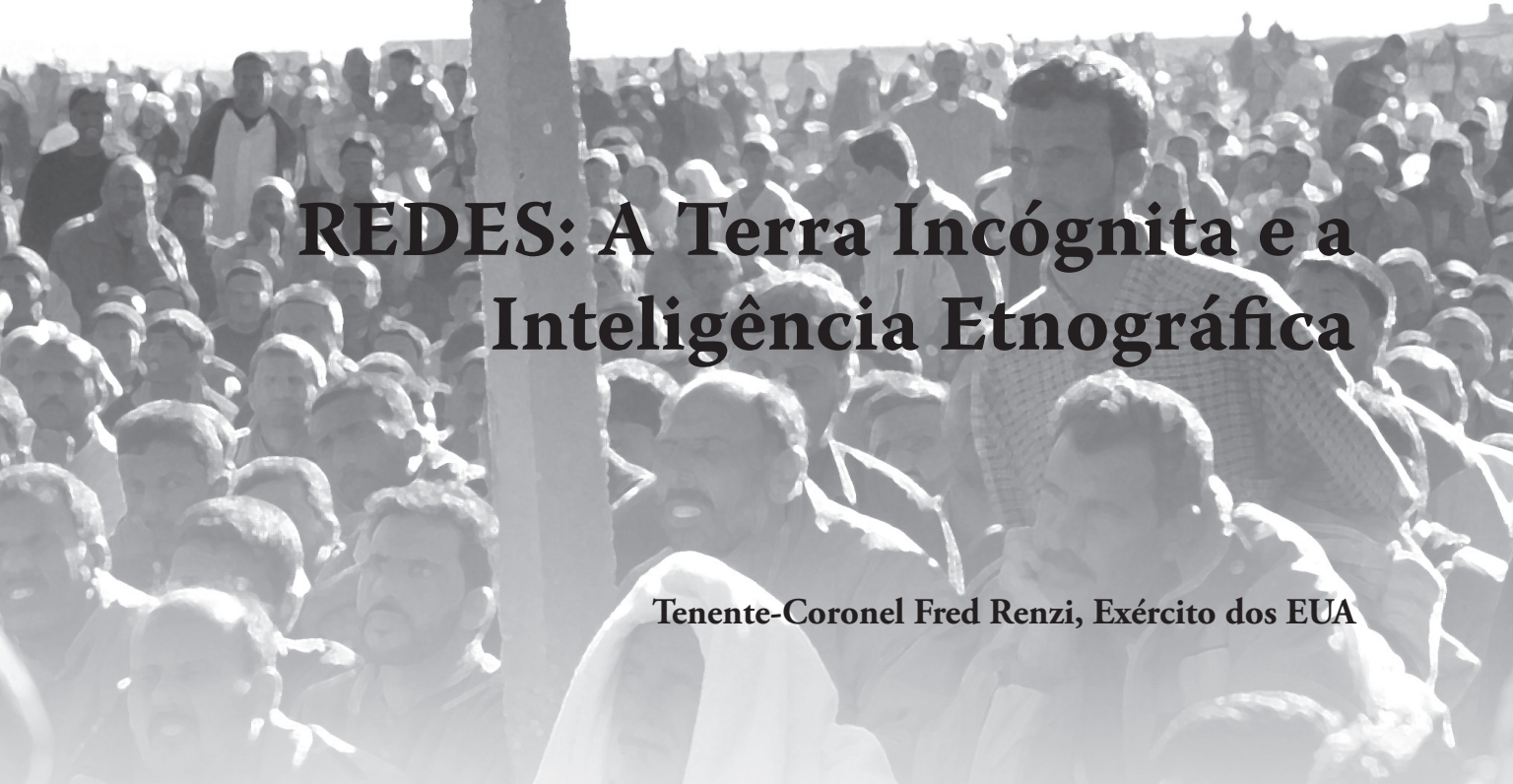

REDES: A Terra Incógnita e a Inteligência Etnográfica

Tenente-Coronel Fred Renzi, Exército dos EUA

Quando operamos no Vietnã, nos descobrimos formulando políticas para uma região que era uma terra incógnita.

—Robert McNamara, Em Retrospecto[1]

A PROLIFERAÇÃO DE REDES fortalecidas torna a "inteligência etnográfica" (IE) muito mais importante para os Estados Unidos do que jamais foi.[2] Entre as redes, a Al-Qaeda é por certo a mais infame, mas há vários outros exemplos do passado recente e do presente tais como o "Diamante de Sangue" e cartéis de droga, que nos levam à conclusão de que tais redes serão um desafio num futuro próximo. Uma vez com acesso, essas redes expandiram-se para modernos sistemas de comunicações e transporte e, principalmente, para as armas de destruição em massa, que são provavelmente uma ameaça muito mais perigosa que qualquer adversário jamais enfrentou.

Lamentavelmente, a estrutura tradicional da inteligência militar dos Estados Unidos e o seu produto de trabalho não estão ajudando a enfrentar essa ameaça. Como o debate recente tem atestado, especialmente no que diz respeito ao Exército, há uma demanda cada vez maior pela inteligência cultural. O Major (R/1) Robert Scales ressaltou a necessidade daquilo que chama de consciência cultural no Iraque: "Eu perguntei a um comandante da 3ª Divisão de Infantaria como tinha o conhecimento da situação operacional (entenda-se inteligência tecnológica, aérea e terrestre) durante a marcha para Bagdá. 'Eu sabia onde cada tanque inimigo estava enterrado nos subúrbios de Talil,' ele respondeu. 'O único problema era que os meus soldados tinham que lutar contra fanáticos atirando a pé e em caminhonetes, bem como atirando com *AK*-47 e lanças-rojões. Eu tinha uma perfeita consciência da situação. O que eu não tinha era conhecimento da cultura local. Grande inteligência técnica sobre a situação... mas o inimigo errado.'"[3]

A minha proposta é que se vá além da solicitação da escala geral de consciência cultural e se busque a inteligência etnográfica, o tipo de inteligência que é fundamental na formulação de políticas para a *terra incógnita*. A *terra,* nesse caso, é o terreno humano sobre o qual pouco é sabido por aqueles que manipulam os instrumentos do poder nacional.

***Nota do autor**: O que escolhi chamar "inteligência etnográfica" pode ser mais precisamente descrita como "informação etnográfica", uma vez que grande parte do conteúdo envolvido na análise de redes hostis será de fonte aberta. Eu decidi manter o termo "inteligência" para indicar que o conteúdo envolvido é de utilidade militar.*

Os Estados Unidos precisam da inteligência etnográfica para combater as redes e conduzir uma contra-insurgência global. Este artigo, por conseguinte, definirá a inteligência etnográfica, discutirá alguns casos que ilustram a necessidade desse tipo de informação e proporá os meios de adquiri-la e processá-la.

Definição de Inteligência Etnográfica

De acordo com a Dra. Anna Simons, da Escola de Pós-Graduação Naval dos Estados Unidos, "o que se entende por inteligência etnográfica é a informação sobre formas nativas de associação, meios locais de organização e métodos tradicionais de mobilização.

Clãs, tribos, sociedades secretas, o sistema *hawala*, irmandades religiosas, todas representam formas nativas ou latentes de organização social disponíveis aos nossos adversários em toda parte não-ocidental e, ao mesmo tempo, cada vez mais ocidentalizada do mundo. Essas formas criam redes que são invisíveis para nós, a não ser que estejamos procurando por elas de uma forma específica. Essas organizações apresentam-se para nós de uma maneira com a qual não estamos familiarizados. Elas são impossíveis de serem 'vistas' ou monitoradas e, muito menos, mapeadas sem atenção consistente e treinamento adequado."[4]

A inteligência etnográfica é a melhor forma de verdadeiramente conhecermos uma sociedade e, por isso mesmo, o melhor instrumento para deduzirmos as intenções de seus membros. "Formas nativas de associações e meios locais de organização não nos são conceitos estranhos. A nossa própria cultura desenvolveu, o que chamamos de "análise da rede social", para mapear essas associações e suas formas de organização.[5] Essas regras não escritas e as conexões entre pessoas, invisíveis para nós, formam os elementos-chave do tipo de informação que, de acordo com o Gen Scales, os comandantes em combate estão agora necessitando. Em razão dessas regras e conexões formarem "os métodos tradicionais de mobilização" utilizadas para conseguir apoio aos objetivos dos Estados Unidos ou para opô-los, elas exigem constante atenção do Governo e das Forças Armadas dos Estados Unidos.[6] Colocado de uma forma simples, a inteligência etnográfica constitui-se em descrições de uma sociedade que nos permitem fazer sentido das interações pessoais, traçar as conexões entre pessoas, determinar o que é importante para elas e antecipar como elas reagiriam a determinados acontecimentos. Como os Estados Unidos não estão mais enfrentando um inimigo simples e monolítico, nossos interesses nacionais se encontram dentro de um confuso caldeirão em diferentes locais e sociedades. Cada um desses elementos tem sua própria "forma latente de organização social", que criam redes que não podemos ver ou mapear e diante das quais podemos muitas vezes ser vítimas, a não ser que nós agressivamente persigamos a inteligência etnográfica.[7]

A Ameaça: Três Estudos de Casos

Os interesses nacionais americanos podem ser afetados por muitas sociedades a respeito das quais sabemos muito pouco. No início dos anos 60, poucos americanos reconheciam a importância da *terra incógnita* na sociedade vietnamita.[8] Nos anos 90 a América falhou ao empregar a

O Tenente-Coronel Fred Renzi é oficial de Operações Psicológicas, atualmente cursando a Escola Naval de Pós-Graduação. É bacharel pela Academia Militar de West Point e graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos. O Tenente-Coronel Renzi ocupou vários postos de comando na Europa e nos Estados Unidos. Atuou com a Primeira Divisão Armada nas operações Desert Shield *e* Desert Storm *e com o 1º Batalhão de Operações Psicológicas no Haiti.*

inteligência etnográfica com relação à *Al-Qaeda*, Afeganistão ou Iraque.[9] Hoje, nosso *insight* ainda é muito pequeno em relação às culturas ou redes que podem rapidamente tornar-se ameaças aos nossos interesses nacionais. É por isso que a América deve procurar entender e desenvolver a inteligência etnográfica em uma escala global, antes que seja surpreendida por outra sociedade ou rede entendida de forma obscura. Como um primeiro passo para nos tornarmos mais entendidos em matéria de inteligência etnográfica poderíamos investigar três casos ilustrativos: o cartel do "Diamante de Sangue", os sindicatos de tráfico de drogas e a Al-Qaeda.

O cartel do "Diamante de Sangue". Este cartel da África Ocidental é um bom exemplo de como uma mistura de redes, aparentemente aleatórias, exércitos particulares, governos de legitimidade questionável e ambientes sociais em conflitos, podem afetar o mundo hoje em dia. No centro do cartel estão os guerrilheiros de Serra Leoa, que têm usado táticas de terror para controlar o acesso às minas de diamante. Eles foram assessorados pelo governo de Charles Taylor da Libéria, que os ajudava na venda desses diamantes na Europa. Parte deste dinheiro era destinado para os negociadores internacionais de armas, que as contrabandeavam para os guerrilheiros e a outra parte do dinheiro financiava terroristas como os da Al-Qaeda. A guerra, como o Exército americano tradicionalmente a considerava — o confronto entre forças armadas de países inimigos — deu lugar a um misto de crime, dinheiro e terror executado por redes obscuras, ligadas umas às outras e com governos corruptos que asseguravam lucros com a exportação do terrorismo, conforme H. Brinton Milward e Jorg Raab salientaram: "Redes encobertas se uniram em torno de senhores da guerra que controlam o acesso às fontes que originam guerras por *commodities*. Essas lutas são desencadeadas pelo controle de diamantes, de setores petrolíferos ou de folhas de coca e papoulas que se transformam em narcóticos. Não são guerras por razões políticas ou ideológicas".[10]

O que se entende por inteligência etnográfica é a informação sobre formas nativas de associação, meios locais de organização e métodos tradicionais de mobilização.

Enquanto entidades como o cartel do "Diamante de Sangue" não têm sido consideradas como uma ameaça vital aos interesses dos Estados Unidos e, por conseguinte, não têm recebido atenção significativa em termos financeiros ou em número de tropas, essa avaliação pode ser tardia para uma reconsideração. Os Estados Unidos não podem sustentar a ação ou não deveriam agir como a polícia do mundo, mas alianças espúrias deveriam ser investigadas. É aqui que entra a importância da inteligência etnográfica. Quando o crime, a brutalidade, o desgoverno e o financiamento dos terroristas se associam, eles formam uma teia tão forte na sociedade local, que só um entendimento detalhado dos fatores etnográficos pode prover uma base para a identificação de quem e o que verdadeiramente representa uma ameaça aos interesses nacionais dos Estados Unidos. O entendimento dessas sociedades onde estão inseridas essas redes torna-se a base sobre a qual as análises posteriores se sustentam.

A inteligência militar tradicional ao examinar seus opositores e sistemas de armas não fala nos mesmos termos encontrados no conflito do "Diamante de Sangue". Nas palavras de Milward e Raab: "No período durante o qual Taylor foi presidente, a República da Libéria se tornou o nexo de muitas redes obscuras. Há ligações entre várias redes, algumas das quais mais evidentes e outras aleatoriamente ligadas."[11] Palavras emprestadas da análise da rede social como "rede", "nexo" e "centralidade" são conceitos úteis que permitem ao analista identificar de uma maneira mais clara as ameaças à segurança americana.[12]

É somente por intermédio da observação extensiva em terra que formas latentes de organização e mobilização social podem se tornar visíveis. Quando essas formas nativas de organização social são exploradas por pessoas como Charles Taylor ou passam a se ligar com outras organizações, é nesse momento que se aplica a inteligência etnográfica, que passa a nutrir-se da rede de análise social como se fosse

Departamento de Defesa

O presidente Charles Taylor falando aos repórteres em Monróvia, conclamou aos políticos da oposição e à comunidade internacional a investigar as afirmações de que ele teria bilhões de dólares num banco suíço, prometendo renunciar se tal conta fosse encontrada, 8 de abril de 2003

realizada pela polícia quando é preciso identificar contra-ataques aos interesses dos Estados Unidos. Nesse caso, a inteligência etnográfica retira a parte incógnita do terreno humano para que os Estados Unidos possam formular ações realistas e efetivas.

O sindicato do tráfico de drogas. Os cartéis ou sindicatos de droga constituem-se em outra ameaça em forma de rede que não desaparecerá num futuro próximo e que não poderá ser erradicada por uma simples decisão da área de inteligência da guerra. Phil Williams identificou claramente as qualidades étnicas que fazem do tráfico de drogas uma ameaça quase invisível. "Muitas redes têm duas características que as tornam difíceis de serem invadidas: a etnicidade e a linguagem. Além do mais, muitas redes usam linguagem ou dialetos que são desconhecidos dos membros da Polícia dos países hospedeiros. Conseqüentemente, os esforços da observação eletrônica direcionados aos traficantes da China ou Nigéria, por exemplo, caem no vazio, por que essas redes contam com o apoio de suas comunidades étnicas que funcionam como abrigo, proteção e como fonte de recrutamento de novos parceiros. Algumas redes de tráfico de drogas como a chinesa têm por base a etnicidade. Não obstante ter um escopo global, o princípio que as regem é o de *guanxi* ou reciprocidade mútua. Esse princípio se estende por gerações e continentes e providenciam a base para confiança e cooperação. Tais redes são especialmente difíceis de serem penetradas pelos agentes da lei. Em resumo, as redes de tráfico possuem uma grande capacidade de proteção de suas informações e de defesa contra a lei."[13]

As redes, em si, não representam perigo aos Estados Unidos, mas por suas características validam o estudo do caso por duas razões. A primeira diz respeito ao fato de que elas estão

Departamento de Defesa

Membros de uma equipe de inspeção marítima do navio de guerra USS Philippine Sea *tomaram controle de uma das embarcações menores com possíveis vinculações com Al-Qaeda carregadas de heroína e metanfetamina, 20 de dezembro de 2003.*

rapidamente superando o lucro para se unirem a redes terroristas na África Ocidental, o que representa uma ameaça significativa aos Estados Unidos. Segundo, as redes de tráfico são um exemplo relevante de como os grupos subversivos exploram os laços étnicos e culturais como forma de mobilização, laços esses desconhecidos pelo ocidente. O exemplo de Phil Williams da palavra *guanxi* é ilustrativo, já que esse vocábulo não aparece em nenhum glossário militar.

Esse conceito de obrigação mútua que perpassa gerações e atravessa grandes distâncias é poderoso demais para ser de domínio exclusivo de traficantes. O tráfico de drogas em si é maléfico para qualquer sociedade, porém quando se anexa ao tráfico de armas, dinheiro e, quiçá armas de destruição em massa, torna-se um risco claro e presente aos Estados Unidos. Uma aliança de redes obscuras, vendendo a destruição de várias formas e facilitando o terrorismo internacional, torna-se um ameaça de grande magnitude quando coordenadas pelo conceito de *guanxi,* que é invisível para aqueles governos que não fizeram o seu trabalho de casa sobre etnografia. Williams observa corretamente que essas práticas ou meios de "mobilização nativa" funcionam exatamente porque estão inseridas visceralmente na população étnica. Essa verdade se aplica tanto a populações que vivem em enclaves étnicos na nação hospedeira ou em seu próprio território.

De fato, sob as últimas condições, formas locais de organização e meios de associação podem tornar-se muito mais poderosas do que qualquer sistema legal, tornando o trabalho da rede muito mais eficaz. Não obstante, aquele estado que fez sua análise etnográfica tem maior oportunidade de neutralizar ações hostis de redes obscuras e virar o jogo a seu favor.

Al-Qaeda. Em 2004, Marc Sageman escreveu *Understanding Terror Networks* para esclarecer o que ele via como uma percepção errada dos ocidentais a respeito de quem adere a essas redes e porquê. Sageman concentrou-se nos integrantes das sub-redes, parcialmente localizando seus focos em algumas mesquitas.[14] Sageman obteve

essa informação pela análise de documentos obtidos por meios amigáveis, mas admite que tal análise é limitada.

O principal objetivo de Sageman é refutar o mito de que os membros da Al-Qaeda são jovens muçulmanos pobres, transformados em psicopatas irracionais pela lavagem cerebral. Sageman afirma que, a maioria dos terroristas são adultos educados, pertencentes à classe média, geralmente casados e oriundos de famílias estruturadas e com fortes valores morais. Também são completamente fiéis à causa global da guerra santa salafista.

Conforme Sageman, essas pessoas pertencem a quatro grandes grupos dentro da rede da Al-Qaeda: o comitê central, os asiáticos do sudeste, os árabes *maghreb* e os árabes genuínos. O comitê central é composto pelos compatriotas mais velhos de Osama Bin-Laden, homens que ouviram o chamado para lutar a guerra santa contra os soviéticos infiéis no Afeganistão e que continuam lutando até hoje. Os asiáticos do sudeste são na sua maioria discípulos de outras duas facções religiosas. Os árabes *maghreb* são de primeira e segunda geração que vivem na França. Socialmente isolados, os *maghreb* procuraram as mesquitas locais para formar uma comunidade. Os árabes genuínos cresceram em sociedades comunitárias, em terras islâmicas, mas tornaram-se isolados e solitários quando partiram em busca de escola e trabalho.

Com exceção de alguns árabes *maghreb*, muitos dos recrutas da Al-Qaeda têm boa educação, habilidades para o trabalho e não têm antecedentes criminais. Sageman relata que o sentimento de isolamento de muitos dos membros expatriados da Al-Qaeda, fez com que alguns deles procurassem seus iguais, como fonte de identidade e comunidade e também para reforçarem suas crenças religiosas antes de se unirem à guerra santa. Ele enfatiza que as pessoas que se juntam a esses grupos fechados buscam primeiramente companhia e depois adoração religiosa. Esses grupos não são recrutados na mesma medida em que procuram a Al-Qaeda. Na busca por amizade, alguns membros desses grupos, acidentalmente esbarram em alguma das poucas mesquitas radicais e então se unem a grupos que já fazem parte da rede da guerra santa. Sageman derruba a teoria de que a Al-Qaeda tem recrutadores em todas as mesquitas. Salienta, porém, que existem algumas poucas pessoas que sabem como contatar o grande grupo, que podem dar indicações, dinheiro de viagem e encaminhar os escolhidos a campos clandestinos de treinamento. Em suma, Sageman argumenta, de forma convincente, que os nossos estereótipos sobre a Al-Qaeda estão perigosamente equivocados.

A análise de Sageman tem sido amplamente citada, embora ele mesmo subestime a pouca disponibilidade de informações de primeira mão e deixe claro que ele mesmo usou documentos abertos ao público com alguma exposição pessoal limitada; em outras palavras, ele escreveu o livro sem muito acesso à inteligência etnográfica.[15] Imaginemos o que Sageman teria escrito se tivesse tido acesso a dados bem organizados de caráter etnográfico sobre cada uma das regiões dos quatro subgrupos. O que teriam pesquisadores dedicados descoberto sobre o padrão de recrutamento? À guisa de ilustração, Sageman descobriu um ponto chave de caráter etnográfico nas relações entre professor e aluno no sudeste da Ásia.[16] A investigação deste ponto crucial de formas nativas de associação poderia ter conduzido a duas escolas radicais no sudeste da Ásia sem maiores delongas. De posse de tal conhecimento, o governo poderia ter tomado medidas contra a rede muitos anos antes.

Adquirindo e Processando Inteligência Etnográfica

Para adquirir conhecimento etnográfico é preciso participar dos acontecimentos. Para o Exército dos Estados Unidos, a solução estrutural poderia ser relativamente fácil. Um grupo do Exército ou um anexo da embaixada poderia tornar-se veículo para coletar inteligência etnográfica. Enquanto o sistema de adidos para defesa está encarregado de avaliar e coletar abertamente informações militares em determinados países, não existe o mesmo esforço em coletar, avaliar e processar informação de caráter etnográfico. Os oficiais de segurança que servem em países que tem parceria com os Estados Unidos, geralmente desenvolvem uma apreciação muito acurada de aspectos culturais da nação hospedeira, porém não estão formalmente encarregados de coletar inteligência etnográfica e nem sempre têm um relacionamento tranqüilo com o adido militar, caso exista um.[17]

Há uma forma relativamente barata de coletar inteligência etnográfica. Os Estados Unidos poderiam subtrair de um anexo militar robusto, um grupo de oficiais dedicados a essa tarefa e colocá-los junto as nossas embaixadas. Há dois pontos a serem observados na composição desse grupo: ele deve dedicar-se inteiramente a sua missão, sem outra tarefa que possa distraí-lo e, também, o grupo deve permanecer por um longo período no país, sendo bem remunerado para isso.[18] O trabalho desse grupo poderia ser considerado como reconhecimento estratégico e em questões de reconhecimento não há outra alternativa do que estar fisicamente presente no meio a ser observado e descrito. Uma vez que o objeto etnográfico em questão são pessoas e não necessariamente o solo, uma imersão, quase constante e total, no local em que as pessoas habitam, seria o meio de transformar a *terra incógnita* de McNamara em um conjunto conhecido de "formas nativas de associação, de organização e de métodos tradicionais de mobilização".

A nação precisa e deve investir em pessoas especializadas em focalizar sua constante atenção às "formas nativas de associação e de mobilização" para que o terreno humano possa ser mapeado com acuidade necessária.

Enquanto a forma mais econômica de organização de inteligência etnográfica seria, provavelmente, combinar as funções do adido de defesa e do oficial assistente de segurança, tal medida poderia não ser absolutamente necessária.[19] O aspecto estrutural mais importante no que diz respeito à inteligência etnográfica, desenvolvida no país, seria analisá-la na embaixada, repassá-la aos assessores do comandante geográfico em combate e compartilhá-la marginalmente com outras embaixadas importantes. Esse tipo de compartilhamento da informação contribuiria para fazer melhores planos de contingenciamento e criaria uma rede híbrida para enfrentar redes obscuras que lucram com o "Diamante de Sangue", com as drogas e com o terror.

Um pequeno número de americanos, geralmente oficiais de área estrangeira, já está atento para esse tipo de trabalho, sendo que alguns têm atingido um elevado índice de excelência. Não há muitos deles, porém os que existem não estão organizados em um sistema compreensivo de análise dos aspectos etnográficos das redes. Há um caso exemplar que mostra o que os Estados Unidos seriam capazes de construir. Um oficial cujo nome fictício é "David", encontrava-se em uma missão para descobrir como guerrilheiros estrangeiros estavam se infiltrando no oeste do Iraque. David viajou usando roupas civis. Em uma aldeia ele "encontrou uma mulher com tatuagens no rosto", que indicavam ser ela propriedade do marido. À medida que conversavam o homem de pele e cabelos claros, natural da Carolina do Norte, imitou a voz seca e rouca da mulher falar: "Você é um beduíno, também!", exclamou a mulher com prazer. Foi dela e de outros beduínos que David descobriu que os guerrilheiros estrangeiros estavam usando as rotas de contrabando para "movimentar pessoas, armas e dinheiro. A maioria dos caminhos estava marcada com montículos de pedras esbranquiçadas, iguais as que David havia visto um ano antes, quando servia no Yemen."[20]

David ganhou acesso e informação operacional porque fez uso de seu conhecimento etnográfico. Quanto maior for o número de pessoas como David, que auscultam a sociedade local, mais habilitadas se tornam para verificar quais grupos ameaçam os Estados Unidos e quais deveriam ser deixados de lado. Se a América pudesse construir um grupo saudável de pessoas como David, posicionados junto às embaixadas americanas no mundo, então nosso país poderia identificar aquelas redes que, nas palavras de Simons "são invisíveis para nós, salvo as que estivéssemos procurando de forma específica, uma vez que elas se apresentam de um modo com o qual não estamos culturalmente familiarizados".

Infelizmente não há muitos "Davids" em nosso Exército, que tem cerca de 1.000 oficiais de área estrangeira, a maioria deles na Europa. Apenas 145 têm sua atenção focalizada no Oriente Médio e mesmo esse número pode ser decepcionante por que as tarefas dos militares no exterior incluem muitas coisas que não têm a ver com inteligência

Departamento de Defesa

Um tenente da 101ª Divisão Aerotransportada conversa com um xeque local em Henchi, Iraque, 14 de maio de 2006.

etnográfica, tais como protocolos para visitas e tarefas administrativas.[21] Certamente, uma solução para enfrentar o número crescente de ameaças seria produzir mais "Davids" e recompensá-los pelo tempo maior em solo para desenvolver apenas inteligência etnográfica.

Os benefícios obtidos pelo trabalho de tais grupos seriam enormes. Pense, por exemplo, no impacto que uma boa inteligência etnográfica teria tido nos planos de guerra para o Iraque. Ultimamente, tem havido muita discussão sobre o fato de que as forças americanas não entendiam realmente como funcionavam as redes tribais iraquianas e esse desconhecimento tem contribuído para as dificuldades que atualmente estamos enfrentando. Conforme Simons tem escrito, "atenção consistente e treinamento correto" poderia ter sido incluído nos planos de contingência e depois revisto a cada dois anos para assegurar sua validade. O conhecimento etnográfico poderia ter permitido às forças americanas usar as redes tribais desde o início a seu favor. Dessa forma, eles não teriam tido de adivinhar as coisas por eles mesmos como o Tenente-Coronel Tim Ryan fazia: "A chave é uma trégua negociada entre a Liga Nacional dos Xeques, os líderes tribais, o Tenente-Coronel Tim Ryan, oficial da 1ª Divisão de Cavalaria responsável por Abu Ghraib — uma cidade sunita a Oeste de Bagdá e um dos estopins da insurgência. Por causa do acordo, Ryan se encontra regularmente com os líderes tribais e lhes fornece listas com os nomes dos residentes suspeitos de tomarem parte nos ataques. Os xeques e os líderes locais a eles subordinados prometem manter os seus patrícios na linha. *'Os xeques têm muita influência, ignorar esse fato é ignorar como os negócios são feitos aqui há 6.000 anos.'"*[22]

A inteligência etnográfica, que poderia levar a relações benéficas com as figuras do poder local ao longo das linhas desenvolvidas por Ryan e os xeques, poderia também ser desenvolvida em cada uma das embaixadas de forma diuturna, em tempo de paz, para informar os planos de contingência e capacitar as atividades contra as redes obscuras que são danosas à América. Poderiam ser instaladas em alguns lugares como

no Iraque pré-guerra ou em campos de batalha cruentos, semelhantes à zona do "Diamante de Sangue", lugares que Washington não aprovaria para o funcionamento de uma embaixada; o pessoal que estivesse trabalhando junto às embaixadas mais próximas poderia contribuir com seus conhecimentos de inteligência etnográfica por intermédio de ligações pelas fronteiras que são, comumente, devassáveis.

A teoria da janela quebrada dos criminologistas James Q.Wilson e George Kelling sugere que poderíamos auferir outro tipo de benefício ao estabelecer um trabalho americano etnográfico contra redes ligadas a embaixadas próximas.[23] A essência da teoria é que o edifício que permanece com a janela sem consertar, passa a ser um convite a outros ataques, já que os transeuntes assumem que ninguém está cuidando daquele local. Uma vez que esses atos e vandalismo começam, com grafites ou mais janelas quebradas, tornam-se contagiosos como um modismo ou um vírus. Um anexo militar mais robusto próximo a uma embaixada e um interesse constante, porém discreto, em um trabalho etnográfico mostraria aos residentes da área que os Estados Unidos estão cuidando e observando. Talvez essa atenção constante servisse para, sutilmente, reduzir os espaços existentes entre as redes obscuras. A observação colhida abertamente pelos militares etnógrafos poderia complementar o trabalho feito de forma secreta pela CIA.

Os cidadãos americanos sempre reconheceram, pelo menos de forma intuitiva, a existência de redes na sociedade, desde os laços de família, passando pelas relações econômicas e pela vida cotidiana como um todo. Os órgãos legais têm combatido esse tipo de rede extremista e criminal dentro da sociedade civil organizada. Não obstante, os militares e o governo americano têm tido dificuldade em acertar as contas com redes como a Al-Qaeda. Foi preciso que acontecesse a tragédia do 11 de setembro para galvanizar a atenção nacional para as redes criminosas e foram precisos os anos subseqüentes para entender que as redes terroristas são mais do que pura ideologia. Elas florescem no ambiente do crime, das drogas, da lavagem de dinheiro e de um sem nome de atividades letais.

O terrorismo apresenta muitos disfarces, mas se mescla muito bem no caldeirão de fenômenos escusos como os "Diamantes de Sangue", tráfico de drogas e Al-Qaeda.

Os Estados Unidos precisam, desesperadamente, de um contra-ataque para enfrentar todo tipo de rede que está vindo à tona ao redor do globo.

A inteligência etnográfica pode tornar mais poderosa à luta diária contra redes criminosas e pode ajudar a formular planos contingenciais baseados na descrição acurada do terreno mais essencial — a mente humana. Os formuladores de políticas não devem nos comprometer com *a terra incógnita*. A nação precisa e deve investir em pessoas especializadas em focalizar sua constante atenção às "formas nativas de associação e de mobilização" para que o terreno humano possa ser mapeado com acuidade necessária.***MR***

Referências

1. MCNAMARA, Robert S.; *In Retrospect: The Tragedy and Lessons of the Vietnam War* (Nova York: Times Books, 1995), p. 32.

2. SIMONS, Anna e TUCKER, David "Improving Human Intelligence in the War on Terrorism: The need for an Ethographic Capability," relatório submetido ao Gabinete do Secretário de Defesa para Avaliação Comparativa (2002), p. 5.

3. SCALES, Robert "Culture-Centric Warfare," *Proceedings* (outubro 2004), disponível em: <www.military.com/NewContent/O,13190,NI_1004_Culture-P1,00.html>.

4. SIMONSS e TUCKER.

5. KREBS, Valida; "An Introduction to Social Network Analysis," 2006, disponível em <www.orgnet.com>.

6. MCNAMARA, pp. 30-33.

7. Anônimo, *Imperial Hubris: Why the West is Losing the War on Terror* (Washington, DC: Brassey's, 2004); BAER, Robert; *See No Evil* (Nova York: Three Rivers Press, 2002).

8. MILWARD, H. Brinton e RAAB, Jorg; "Dark Networks: The Structure, Operation, and Performance of International Drug, Terror, and Arms Trafficking Networks," documento apresentado na Conferência Internacional de Estudo Empírico sobre a Administração e Eficácia dos Governos, Barcelona, Espanha, 2002, pp. 28-39, disponível em: <iigov.org/workshop/pdf/Milward_and_Raab.pdf>.

9. *Ibíd*., p. 28.

10. *Ibíd*.

11. *Ibíd*.

12. BARABÁSI, Alberto-Laslo e BONABEAU, Eric; "Scale-Free Networks," *Scientific American* (maio de 2003): pp. 60-69.

13. WILLIAMS, Phil; "The Nature of Drug-Trafficking Networks," *Current History* (Abril de 1998): pp.154-159.

14. SAGEMAN, Marc; *Understanding Terror Networks* (Filadélfia, Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 2004), p.143.

15. *Ibíd*., pp. vii-ix.

16. *Ibíd*., pp. 113-114.

17. MARISA, Kurt M.; "Consolidated Military Attaché and Security Assistance Activities: A Case for Unity of Command," *FAO Journal*, pp. 7, 2 (dezembro de 2003): pp. 6-11.

18. SIMONSS e TUCKER.

19. MARISA, pp. 6-24.

20. JAFFE, Greg; "In Iraq, One Officer Uses Cultural Skill to Fight Insurgents," *Wall Street Journal*, 15 Nov 2005, p. 15.

21. *Ibíd*.

22. KHALIL, Ashraf; "Teaming Up with Tribes to Try to Quell Insurgents," *Los Angeles Times*, 21 junho 2004, p. A8.

23. GLADWELL, Malcolm; *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference* (Nova York: Little, Brown, and Co., 2000).